



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

## AVENTURAS DE PIM, PAM E PUM

(Continuação do número anterior)



1 — Os nossos simpáticos amigos foram obsequiados com um grande banquete, e como o menu era só composto de fruta ficaram radiantes.



2 — No dia seguinte, realizou-se uma festa na qual se exibiram as últimas obras de arte do Pim: Cabeças de antropófagas pintadas com uma elegância insuperável.



3 — No final da festa uma comissão pediu aos nossos heróis que matassem um feroz leão que era o terror de todos.



4 — Alguém lembrou que o Pim propuzesse a paz ao leão, em troca dum fato pintado, mas esta idéia foi posta de parte, com receio do mau génio da fera.

(Continua na página 8)

# DESILUSÃO

Por Laura Costa Marques

Desenho de A. CASTAÑÉ



**N**INGUÉM soubera a causa daquele estranho mal!... Pobre Isabelita!...

Tão boa, tão nova, e tão horrivelmente infeliz! Fazia, precisamente, dezoito anos no dia em que, no seu caixão

muito negro, tóda vestida de branco, a levaram ao cemitério pequenino da sua pequenina aldeia. A Mãe e o seu amigo, o António Lavrador, acompanhavam-na, chorando de pena.

Isabel era o enlévo de sua Mãe, já velhinha, a quem ajudava, ou por outra, a quem mantinha com o esforço do seu trabalho.

Fôra sempre saudável, forte e decidida.

Não a assustava a sua pobresa, trabalhava, contente, e desconhecia, também, a fadiga de que outras na sua idade, trabalhando menos, se queixavam. Logo, de manhãzinha, lá ia para o campo, foice ao ombro, movimentos livres, olhar franco, e ainda mais franco e adorável coração. Pobre Isabelita!...

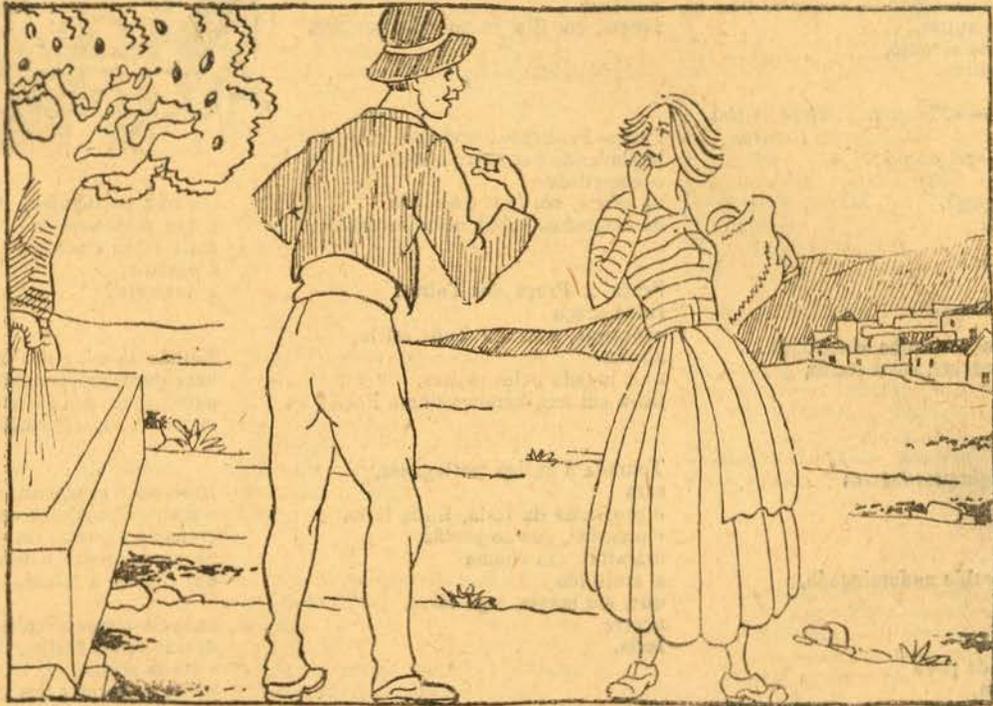
Era pena que, sendo boa e corajosa, trocassem dela as companheiras, que, quando passavam, lhe diziam rindo:

— «Adeus, Feia!»

Sim, era terrivelmente feia, a pòbrezinha!... A natureza tão pródiga às vezes em alindar os rostos jòvens, de coração de felder-lhe, a ela, uns olhos sem vida, um nariz pequeno e achatado e uns lábios grossos que não sabiam sorrir, sòbre os dentes denegridos.

Nunca se queixara, todavia, a infeliz criança! Quási sempre isolada de tòdos, sentia com





ardor, o único afecto de sua Mãe, já velha, e esse lhe bastava, enchendo-lhe a alma, tão grande e tão bela, que nem sentia inveja das outras môças lindas da sua aldeia!...

Tinha também um grande amigo: — António, môço lavrador, um dos mais guapos rapazes daquela região. Ele gostava de Isabelita como se ela fôsse sua irmã, e, vendo o isolamento em que vivia, de vez em quando, ia procura-la à fazenda e conversavam juntos por muito tempo. Riam-se as outras do gosto do rapaz, que vinha entreter-se horas inteiras com a mais feia cachopa do lugar.

Por sua vez, Isabel sentia um verdadeiro prazer naquela amizade sã, e, sem o saber mesmo começou a amar ardentemente o môço

Passavam-se anos. Ela tinha agora quasi dezoito tristes primaveras. Era noite, quando, ao regressar a casa, encontrou no caminho, como de costume, o simpático rapaz que, sorrindo, alegre como sempre, lhe dizia:

«Sabes uma cousa, Isabelita? Tenho uma grande novidade para te contar, muito grande... Vê se adivinhas...»

— «Como havia de saber!» — respondeu ela, com o coração apertando-se-lhe dolorosamente a algum triste pressentimento. — «Pois, se não sabes, eu te digo». E sorrindo, António murmurou baixinho:

— «Estou noivo, Isabelita...» «Ela a Joaquina do Val da Casa, conheces? É tão linda, e gosto tanto dela...» concluiu o rapaz brilhando-lhe os olhos de emoção.

No escuro, confrangida, tremendo, Isabel sente uma vertigem louca. Quere gritar e a voz abafa-se-lhe na garganta, mas consegue por fim dominar-se e exclama:

«Adeus, vou-me embora; estimo que sejas muito feliz». — «Obrigado, Isabel, disse elle sem reparar na dôr que, inconscientemente, provocara, obrigado... Daqui em diante «ela» ha-de ser muito tua amiga, e já depois ninguém troçará de ti, porque eu assim o quero...»

Respondeu-lhe um soluço, e Isabelita partiu. Pobre pequena! Para que lhe dera Deus um coração ardente, capaz de amar, sentir, vibrar também!?

Caíu doente, com uma febre estranha que a consumiu em breve, levando o seu triste corpo ao cemitério pequenino da pequenina aldeia. Chorava a Mãe, e o seu grande amigo (cruel amigo...) o môço António. Morrera Isabelita! Pobrezinha!

Parecia linda, ali, naquele caixão negro, muito negro, vestida de branco... Morrera a Feia; mas... ninguém soubera a causa daquele estranho mal!...

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

**D**omingo!... Céu azul, bandeiras, luz festiva!... Música... um regimento!... Um sino a repicar!... Uma viva, mais um viva, outro viva, outro viva!... Foguetes pelo ar, e silvos... o apitar, como um forte assobio, duma locomotiva no Rossio!

Electricos: — «Tim-tam... tim-tim-tim... tim-tam...!»  
Buzinas: — «pó-pó-pó!...»  
Oh!...  
Que alegria pagã, anda a pairar no ar desde manhã!

Céu de cristal, estranha alacridade... Dia de sol ardente, sol a jorros, a brilhar, a fulgir, a rir, a gargalhar, sobre os longínquos mórros da cidade!

Povoléu, povoléu endomingado, de calçado engraxado e fato novo; formigueiro de povo num vai-vem, tanto ou quanto inconsciente e frívolo, porém satisfeito, contente! Ecóia no ar da tarde domingueira, pelos Restauradores, o apregoar de alguns contractadores: — «Barreira, sombra-sol, contra-barreira!...»

Em derredor dos tanques do Rossio, pombas, em redopio, vôm, entontecidas, circundando o repuxo... Cavaleiros, piões, «autos» e carruágens, equipágens de luxo, sobem, em fila, as amplas avenidas.

Campo Pequeno... ervinhas, margaridas irrompendo por entre o encaletado, o empadrado da praça, em face e ao lado de alamedas, «chalets» e miradoiros!

Praça... Praça dos Toiros, linda praça evocando, com seu árabe estilo, aquilo que, legado pelos moiros, ficou em nós, herança duma Raça!

Tourada à antiga portuguesa, reza o programa da festa, linda festa, e o cartaz, que ao portão, ora atrai, ora chama a multidão que, em massa, logo corre, acorre lesta.

Tôda em degraus — (alugam-se almofadas e vendem-se os retratos dos toureiros) — a barreira no extremo das escadas, em cima camarotes, galinheiros...

Em baixo, ao centro, a arena cõr de chama, e céu, céu oiro e azul, por tecto, ao alto; adivinha-se um vago sobressalto no olhar sentimental da airosa dama,

# VARDA DE TOUROS POR AUGUSTO DE SANTA RITA

a dama portuguesa, a que mais ama mais vibra e sente a audácia, a valentia, a ousadia, a dextreza!

Metade ao sol, outra metade à sombra, uma parte da praça fica de oiro; perpassa em nós um não sei que que assombra memória vaga de áureo tempo moiro!

Irrompe a orquesira: — a Portuguesa surge o senhor Presidente da República, ergue-se a praça, em peso, como pública prova de apreço e de respeito. Urge dar começo à toirada...

Alto, um clarim anuncia o espectáculo... E, na arena, desenrola-se, emfim, a linda scêna, praxe protocolar das cortezias.

A Luis trajados plenos de pitoresco e galhardias, dois airosos, garbosos cavaleiros por entre perfilados toureiros e forcados, dando uma volta pela praça, em roda, com gentileza, com aprumo e graça, saudam a praça tôda.

Cessam as cortezias. Principia a luta entre a dextreza, a graça e a força bruta, entre o feroz instinto e a valentia.

Agora um cavaleiro, a sós, na praça, aguarda o novo toque de clarim que abre a porta do curro, de onde, emfim, dando um urro e a espumar o seu ódio, avança um toiro.

Sobe da arena uma poeira de oiro envolvendo corcel e cavaleiro; no cachaço da rês parte-se a farpa cravada pela dextra do toureiro, junto à escarpa

da praça, isto é: — rês-vés da trincheira, à rês se escapulindo! Irrompem, novamente, a orquesira e as palmas, palmas de seis mil almas aplaudindo!

Surge um bandarilheiro, e outro, e um capinha, e ainda outro mais. Ora fareja o espaço a fera, ora focinha, olhando as capas, escutando os berros e as piadas do sol que a «geral» solta; raivosa, dolorida pelos ferros em volta do cachaço!

— «A unha, à unha!...» grita a praça agora; saltam à arena os moços de forcado; um vai à frente, açula o toiro... ousado, aguarda que êle avance... — (torna-se de oiro a hora) e num heroico lance e num remoque, de braço e corpo feito, apara o embate, o choque em pleno peito; e entre as armas da rês se ergue no espaço!

Correm os outros moços a auxiliar o que entre as armas da fogosa rês se debate, se agita ora no ar ora rês-vés do solo, a estrebuchar com a cabeça e os pés.

Agarram-se um à cauda, outros ao lombo do novilho que espuma em ância viva, tentando, assim, amenisar o tombo do companheiro que da rês se esquiva.

Impotente, vencida a fera ajoelha; irrompe a orquesira novamente e palmas, palmas de seis mil almas crõam, agora, a péga de cernelha.

Um novo toque de clarim rebõa; abre-se o curro; um novo urro ecõa em tôda a praça.

Entram as chocas e os campinos; gêmeas numa garrida na idêntica aparência, cõr de semeas, têm não sei bem que ar de ternura e graça; enternece-se o toiro olhando as fêmeas! Entretanto perpassa na geral um rumôr de risadas e um sussurro emquanto pela praça chora longo, rebõa, um novo urro,

Que lindas as toiradas em Lisboa... que gracioso o toureiro em Portugal!

Corrido o oitavo toiro, eis finda a festa! Numa estúrdia balbúrdia ergue-se, lesta, e em massa, a grande mole da gente; esvazia-se a praça lentamente!

Já cá fóra, no largo, a multidão, em burburinho, alarde e confusão, assalta os carros, «autos» e «tipoiás», electricos, «charrettes»; fulgem joias ao rubro sol da Tarde, que arde, lindo, fulgindo nas janelas, postigos, claraboias dos «chalets» e dos ricos palacetes ladeando a Avenida, onde um novo cortejo de equipágens, carros e carruágens,

descem, já de regresso, meas numa garrida fila festival!

Em «tipoiás» abertas, os toureiros com seus típicos trajos de alto preço, — (relembrando a corrida e atraído a atenção dos passageiros) — vão fazendo um sucesso!

Às olaias e acácias da Avenida — (corpinho tenro, débil e sem músculo, minúsculo, a confundir-se com a própria folha...) — principia a recolha dos pardais, em chilreios frenéticos, quais ais; tomba do céu a cinza do crepúsculo!

Entretanto, iluminam-se os electricos, acendem-se os anúncios luminosos e torna-se feérica a cidade!...

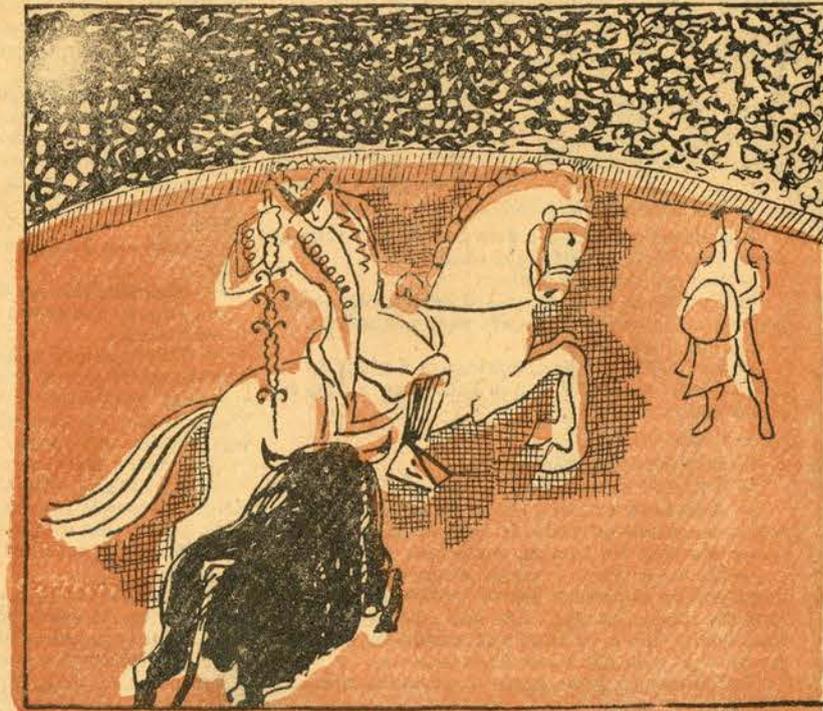
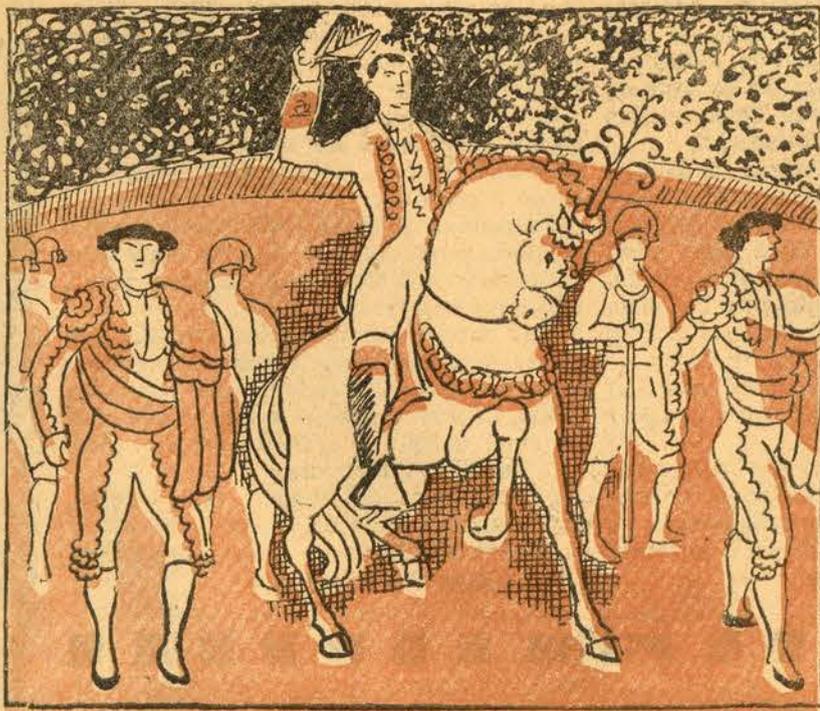
Domingos de Lisboa, tão graciosos de tão suave e doce amenidade!

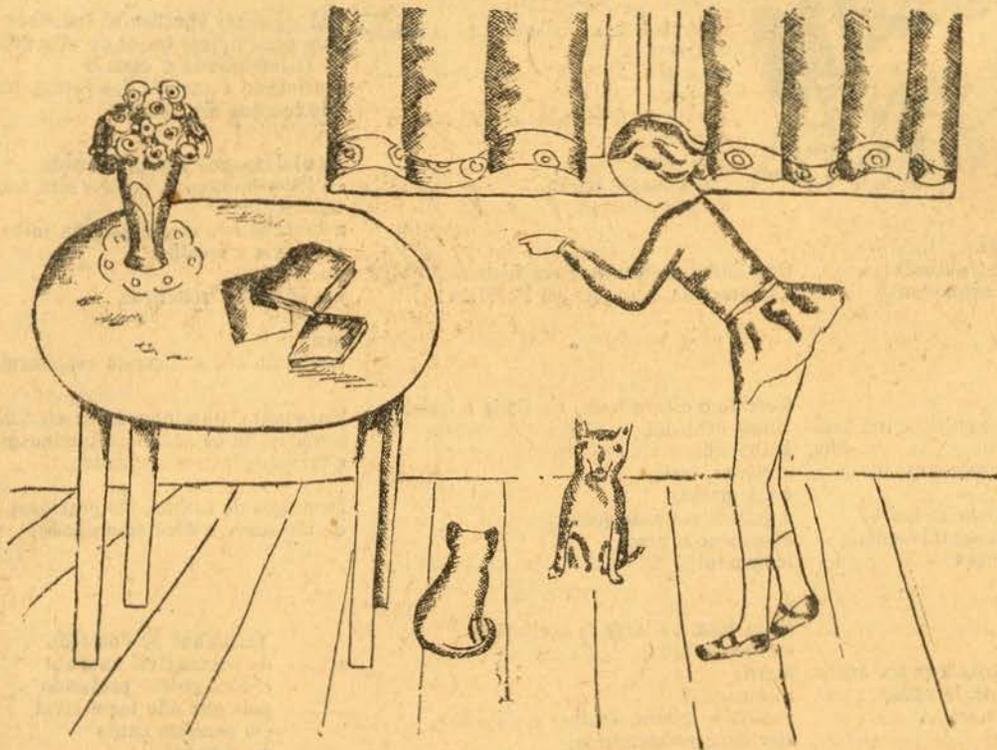
Tardinhas de Portugal, de inexcedível encanto e doce enleio profundo pois que não teem rival em nenhum canto do Mundo!

■ ■ FIM ■ ■

do Poema em preparação:

“Lisboa... cidade bõa”





# A AMIGA DO DIABO

Por MARIA AMELIA RODRIGUES



Tété não era bonita, mas, como todos lhe diziam o contrário, desde os pais até às pessoas que passavam ao pé dela, na rua, a Tété fez-se vaidosa porque julgou que era a mais linda menina do mundo...

Passava horas e horas ao espelho e, às vezes, até parecia maluquinha, a perguntar aos livros, às flores, ao gato e ao cão:

— Sou bonita? Muito bonita?

E os livros, as flores, o gato e o cão não respondiam, está claro, a Tété é que dizia:

— Sim senhora, sim senhora!

Ora a Tété só pensava na sua beleza. Não se importava com o estudo e não era nada boa mesmo.

Um dia a mãe disse-lhe:

— Tété, Tété... não andes sempre a vêr-te ao espelho. Pode acontecer o que aconteceu a uma senhora que eu conhecia.

— O que foi, mãe?

— Ora, apareceu-lhe o diabo.

— O diabo? Conte, conte...

— A senhora estava a vêr-se ao espelho quando sentiu um grande estrondo. O espelho voou em estilhaços e apareceu um homem, muito feio, que disse:

— Eu sou o diabo e venho buscar-te para o inferno, porque as pessoas que só cuidam da beleza da cara, são minhas amigas... As que procuram ter uma alma bonita, isto é, as boas e as estudiosas, são amigas de Deus e eu não quero nada com elas.

A senhora quiz gritar, porém, o diabo não a deixou.

— A sério?

— A sério.

Assustada a Tété prometeu não tornar a vêr-se ao espelho, mas era tão grande a sua vaidade que acabou por desobedecer à mãe, continuando a ser amiga do diabo.

Mas um dia... — mas um dia, apareceu o demónio... dizem, a rir, os meninos que estão a ler esta história.

Não, meninos, não apareceu.

Um dia a Tété estava na frente do espelho. Estava a perguntar-lhe: — Sou bonita? muito bonita? — quando se ouviu um barulho medonho.

Qualquer coisa que se partia e tilintava.

— Lá vem o diabo! — gritou ela e desmaiou com medo.

Quando veio a si, quiz saber: — Estou ao teu colo, mãe?

— Sim, sim, meu amor...

— Julgava que estava no inferno.

— Porquê?

— Porque estava a vêr-me ao espelho e senti um barulho muito grande e o espelho partiu-se... e pareceu-me vêr o diabo a caminhar para mim com os braços muito grandes, abertos, e a dizer: — Vem, vem, porque andas sempre tola.

Tive tanto, tanto medo...

— Não, minha filha. O que se partiu foi uma dúzia de pratos e de copos que a Maria levava no tabuleiro, para a casa de jantar. Trepeçou e zás...

— Então não era o diabo?

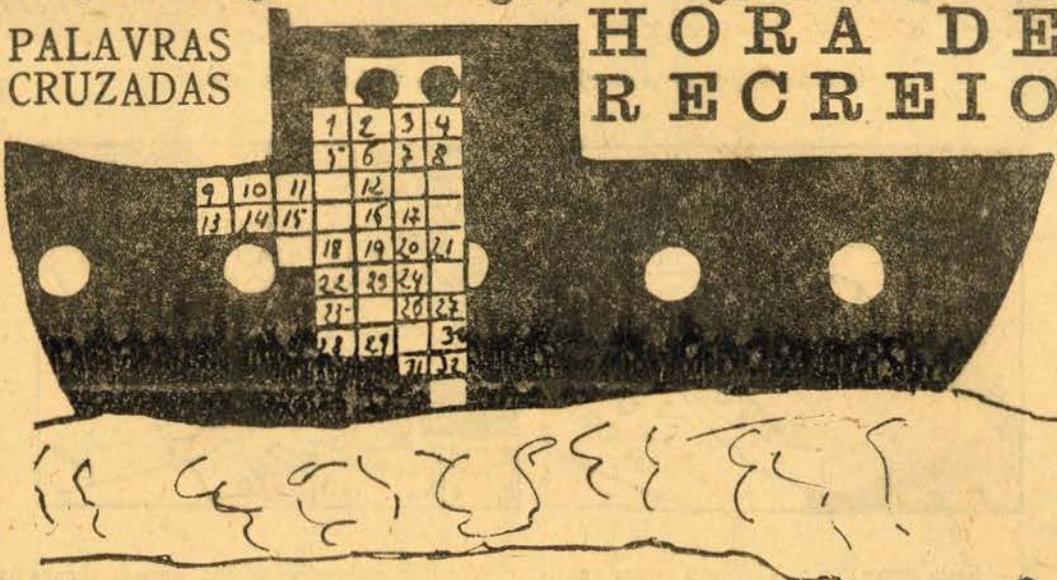
— Não.

— Mas, mesmo assim, eu não torno. Não foi desta, mas pode ser de outra vez. Quero ser amiguinha de Deus. Vou ser muito estudiosa e muito boa.

A Tété cumpriu a promessa e agora é que ela está linda a valer, linda, linda, linda...

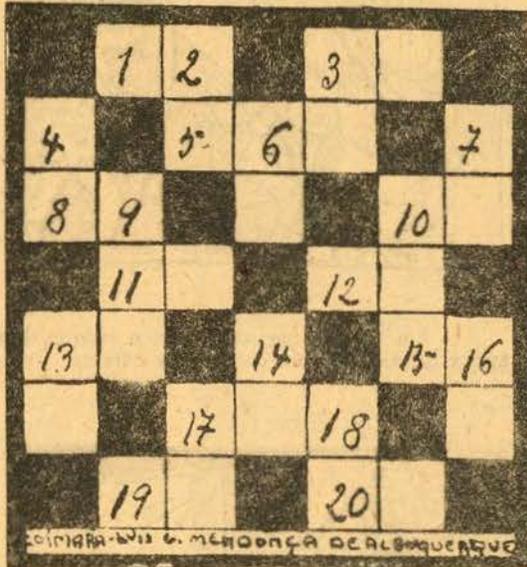
**PALAVRAS  
CRUZADAS**

**HORA DE  
RECREIO**



**HORIZONTAIS:** — 1, palavra francesa — 2 e 3, forma de verbo — 5, forma de verbo — 7, verbo inglês — 9, terreno apertado entre dois montes — 11 e 12, verbos — 15, interjeição — 14, forma de verbo — 15, substantivo — 16, pronome pessoal — 18, artigo francês — 19, pronome espanhol — 22, pronome — 23, nota de música — 25, advérbio — 22, substantivo — 31, verbo inglês.

**VERTICAIS:** — 1, animal — 2, pedra — 4, substantivo — 6, ouro em francês — 8, forma de pronome — 10, interjeição — 11, chão da chaminé — 15, respira-se — 17, pronome — 20, artigo em francês — 21, dia antecedente — 22, nome próprio — 24, substantivo — 25, antónimo de boa — 26, nota musical — 27, forma de verbo — 30, nome — 32, não é boa.



**HORIZONTAIS:** — 1, nota de musica — 5, idem — 5, feminino de rio — 6, forma de verbo — 8, Respira-se — 10, pedra — 11, pronome — 12, nota — 13, pronome — 15, ouro em francês — 17, agua corrente — 19, nota — 20, batráquio.

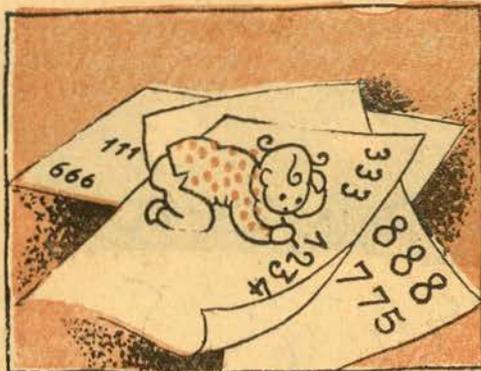
**VERTICAIS:** — 2, verbo — 3, animal — 4, nota — 6, forma de verbo — 7, pedra — 9, homem que vai responder — 10, fala do gato — 12, pronome — 13, idem — 14, forma de verbo — 16, parte dum navio — 17, animal — 18, ouro em francês.

**HORISONTALMENTE:** — forma antiga da palavra «coisa» — 2, substantivo — 3, nome masculino — 4, conjunção — 5, pronome pessoal francês — 6, bolbo usado em culinária — 7, forma antiga de «mangual» — 8, forma do verbo «dar».

**VERTICALMENTE:** — 1, consoante, forma do verbo inglês «to be» — 2, teta — 3, que tem mau modo — 4, pronome pessoal no plural — 5: não é bom.



(Continuado da página 1)



5 — Nesta altura Pim quiz também provar que tinha talento e propôs-se encontrar o modo de matar o leão. Escreveu inúmeros números durante 3 luas. Mas o problema era difícil.



6 — Pim lembrou-se de que, quando andava na escola, não tinha jeito para os problemas mas desejava muito bem leões a gis na pedra.



7 — E, vai daí, desenhou uma leão no lençol do aeroplano. Tinha achado a fórmula de atrair o leão à emboscada.



8 — Em seguida partiram para o bosque, bem apetrechados e armados com lanças e flexas.



9 — Logo que chegaram, arvoraram o retrato da leão e aguardavam que, atraído por ela, se aproximasse a fera.



10 — Mas, — caso inaudito! — o leão apareceu por detrás dum arbusto e fazia sinais com uma bandeira branca.

O que acontecerá aos nossos valentes aviadores?! No próximo número o saberemos.